

RE SENHA:

O OLHAR ESTRANHO DE OLGA TOKARCZUK

Raul de Souza PÜSCHEL¹

Há livros que provocam estranheza. Aliás, deve-se pensar na categoria das obras esquisitas. A elas pertenceriam, por exemplo, *Sonata a Kreuzer*, de Tolstói, que propõe o desaparecimento da espécie humana com o final do acasalamento. Isso depois de o escritor russo ter um número imenso de filhos. Também a tal categoria seria possível incluir *O direito dos animais*, de J. M. Coetzee, prêmio nobel de literatura, texto em que aparece um “alter ego” do escritor sul africano, a apresentar suas ideias em uma conferência.

De alguma forma, em uma linha que não deixa de ser da defesa dos animais, se for pensado por certa perspectiva, Olga Tokarczuk escreveu o romance *Sobre os ossos dos mortos*. (Editora Todavia, 256 páginas. Tradução de Olga Bagińska-Shinzato). Um romance tão estranho que uma personagem importante, mas não protagonista, recebe a alcunha de Esquisito. Por um certo ângulo muito específico, mas não por outros, diga-se a verdade, a capacidade de nomear e de admirar e se espantar com o mundo, por parte da polonesa Olga Tokarczuk, lembra a de nosso Manuel de Barros.

A propósito, a Polônia tem um número relativamente significativo de nobéis de literatura: Henry Sienkiewicz, autor do famoso romance *Quo vadis?*; Wladyslaw Reymont, contista e romancista; Czeslaw Milóz, poeta; Wislawa Szymborska, poeta; e agora Olga Tokarczuk. Esta última foi agraciada com o prêmio correspondente ao ano de 2018, que foi conferido em 2019, simultaneamente ao do austríaco Peter Handke (o ganhador de 2019), um pouco mais conhecido do grande público, principalmente pelo roteiro de *Asas do desejo*, escrito em parceria com o diretor Wim Wenders.

1 Doutor em Comunicação e Semiótica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Docente Titular aposentado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Endereço eletrônico: <puschel@uol.com.br >.

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 131-135. Resenha, por Raul de Souza PÜSCHEL.

A premiação foi cercada pelo mal-estar causado por denúncias de assédio a respeito de um membro da academia sueca, que outorga o prêmio. Adiou-se assim o laurel e a surpresa foi grande. Nomes como os de Margaret Atwood e Haruki Murakami eram mais esperados. Entretanto, a polonesa foi uma grata surpresa.

O romance aqui mencionado pertence a um gênero um tanto híbrido. É um pouco policial, um pouco astrológico e minimalista, um tanto pós-modernamente ecológico, se é plausível dizer isso, e além disso bastante poético, amparando-se muito no diálogo com a obra do inglês William Blake, que está sendo traduzido em *Sobre os ossos dos mortos* por Dísio, amigo de Janina Dusheiko, a protagonista. A trama surpreende bastante ao final. Tudo começa com o assassinato do vizinho de Esquisito e da extremamente complexa Janina. O morto era um sujeito a quem ela, com sua discordância da nomeação comum, apelidou de Pé Grande. Apelido esse tão singular como o do padre Farfalhar ou o da escritora Acinzentada, entre outros. Mesmo o carro dela tinha uma denominação singular: Samurai. Samurai Suzuki.

Janina, nome que aliás a própria heroína detestava, era uma contumaz autora de mapas astrais e estava sempre atenta a efemérides, o que, aliado à referida defesa dos animais, é central no romance. Bizarramente, para talvez o comum dos mortais, ela cumprimentava cachorros, fazia discursos para poodles, preocupava-se em saber como os morcegos viam o mundo e tinha olhar atento ao sofrimento dos bichos.

A protagonista é tão complexa que, de um lado, teve, no passado um trabalho mais técnico, o de engenheira especializada em construção de pontes na Síria, na Líbia e na Polônia, antes de ser professora de inglês de crianças de sete ou oito anos, e fundamentava sua vida na astrologia, o que poderia parecer paradoxal. No entanto, como ela mesmo diz:

“(...) Aquela ponte na Síria era estranha — ligava às margens de um rio que aparecia apenas sazonalmente —, a água fluía no leito por dois ou três meses, depois a terra quente a absorvia e o leito se transformava em algo como uma pista de bobsled por onde corriam cães selvagens do deserto”.

Não à toa é feita, páginas à frente, a defesa da inutilidade. Ela mesma diz se reunir àqueles que eram considerados não pragmáticos. Seu talento em álgebra foi-lhe útil, em uma época pré-informática, para elaborar mapas astrais. Conseguia ver o rosto das margaridas que, silenciosamente, observavam o andar dos seres humanos, “lançando seu duro julgamento sobre

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 131-135. Resenha, por Raul de Souza PÜSCHEL.

nós”. E mencione-se ainda de passagem que era uma das poucas que permanecia em uma terra inóspita na parte mais dura do inverno, cuidando de certo modo da casa dos vizinhos, quando eles se deslocavam anualmente para outra região.

Janina Dusheiko é realmente uma personagem de fronteiras. Não por acaso estava até geograficamente na Polônia bem nas proximidades da República Tcheca, assim como — para se animar — chegava a comprar um queijo “fronteiriço” o cambozola, uma mistura de queijo camembert francês com gorgonzola italiano.

O romance revela-nos ainda que estamos em uma transição para a morte. Basta lembrar-se do título: *Sobre os ossos dos mortos*:

“A primavera é apenas um curto interlúdio, seguido por um poderoso exército de morte que já está cercando os muros das cidades. Vivemos cercados. Se examinássemos de perto cada fragmento de um instante, nos engasgaríamos aterrorizados. Nosso corpo passa por um incessante processo de desintegração, em breve adoeceremos e morreremos”.

Ao lado da morte, em sentido natural, o romance apresenta desde morrer por engasgamento literal até uma sequência de falecimentos suspeitos, que darão sequência à obra, conferindo-lhe um caráter policial, mas não de um policial que siga os padrões mais óbvios do gênero. A palavra poética de Olga Tocarczuk trará outra orientação, outra experiência com as imagens e com as palavras, em uma leitura que vale a pena por seu caráter irrequieto e indagador, mesmo quando, sob alguma faceta, dele discordarmos. Com ela e com a boa literatura, algo da experiência de mundo sempre se abre.

É um livro que nos oferece personagens, em um ou outro sentido, ainda íntegros, como a singular e doce Boas Novas:

“Quando se olha para certas pessoas, a garganta fica apertada e os olhos se enchem de lágrimas de emoção. É como se elas guardassem uma forte memória da nossa infância, como se fossem uma anomalia da natureza, não totalmente atingidas pela queda”.

Ao lado de tantas pessoas presas aos interesses mais particulares e mesquinhos, haveria os que lutariam, ainda que com meios, no mínimo muitíssimo questionáveis, contra o estabelecimento

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 131-135. Resenha, por Raul de Souza PÜSCHEL.

de padrões burocráticos e tradicionais, no melhor sentido da palavra, e, no pior, a paradigmas pouco defensáveis, por serem sujos, imorais e desumanos. Muito mais que desumanos, pois a obra se preocupa, em caráter não teológico, com algo que transcende o humano em uma acepção convencional.

É um romance que diz ser o objetivo da evolução o estético, e não a adaptação. E com toda a sua estranheza, com algo que se desloca de cá para lá. Por isso é interessante ler o romance, pois dá outro sentido à vida com suas/nossas esquisitices. E habitar personagens é habitar outras possibilidades de viver e enxergar o mundo. Bom exercício proposto pelas páginas de *Sobre os ossos dos mortos*.

Envio: Fevereiro de 2020

Aceito: Fevereiro de 2020